

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação e Cultura e Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050 187
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva

Problemas da Imprensa Regional

A 1.ª Reunião da Imprensa do Centro e do Sul

Por iniciativa do Secretariado Nacional da Informação, realizou-se, em Lisboa, nos dias 26, 27 e 28 do corrente mês, uma reunião dos representantes da Imprensa periódica dos distritos de Castelo Branco, Leiria, Santarém, Lisboa e Setúbal e das províncias do Alto e Baixo Alentejo e Algarve.

Esse acontecimento de tanta importância e oportunidade, tinha sido comunicado antecipadamente na Sala da Imprensa do S. N. I. aos representantes dos jornais diários pelo sr. Dr. César Moreira Baptista, que disse não estar alheio aos problemas com que se debatem muitos órgãos da Imprensa local.

Ia, por isso, o S. N. I. tomar a iniciativa de procurar resolver essas dificuldades, tendo para o efeito, convidado para uma primeira reunião os directores dos jornais das regiões atrás indicadas.

O Secretário Nacional da Informação salientou, nas suas declarações, o espírito de sacrifício dos que traba-

ham nos jornais da Província, realizando, sem dúvida, obra a todos os títulos notável para o País.

As publicações regionalistas, muitas delas alôbres de verdadeiros jornalistas, — acentuou —, terão assim o ensejo de apresentarem através dos respectivos representantes, as suas pretensões e trocarem impressões sobre os pontos fundamentais que entendam constituir as bases dos problemas a resolver, que se referem ao fornecimento de alguns esclarecimentos técnicos e às facilidades no desempenho da sua missão local ou regional, proporcionando-lhes, também as condições necessárias para melhormente desempenharem a sua missão de defensores dos interesses das suas terras ou regiões.

Durante a estadia na capital, que ontem terminou pela sua primeira fase, os representantes da Imprensa Regional efectuaram algumas sessões de trabalho e alguns passeios em Lisboa, para apreciação das belezas da

(Continua na página 5)

CARNAVAL

Por - Seisdedos Branco

No meio de todas as adversidades e angustiosos transeles que oprimem o mundo, sob a tempestade que ruga quase sempre sobre as nossas cabeças e por entre as nuvens que obscurecem o horizonte, surgem-nos dias que nos trazem recordações alegres que são como bálsamo que oferece lenitivo às nossas tribulações, e são como escudo que nos protege contra os desânimos.

Estes dias que se aproximam, convidam-nos a tomar parte na alegria dos outros e distraem-nos com a sublime aspiração de esperança e inflamam-nos com o fogo do esquecimento, animando a alma e o espírito.

O Carnaval é uma época de bulício, de cores e alegria. Apesar de ser muito diferente do que era outrora ainda se reveste de animação, e torna-se interessantíssimo principalmente no que se refere às crianças.

Não favoreçamos nem li-songemos aqueles, que se esquecem de quanto é permitido e de quanto é defeso.

(Continua na página 5)

Notícias Diversas

DE PORTUGAL

— Foi nomeado director dos serviços de Aproveitamentos Hidráulicos, o sr. engenheiro Palma Carlos.

— Chegou há dias a Lisboa o novo Embaixador dos Estados Unidos da América, sr. C. Burke Ellriek.

— Está aberto o período de recenseamento para eleitores do Presidente da República e da Assembleia Nacional. As operações de recenseamento encerrarão em 15 de Março; e abrirá no dia 1 de Fevereiro próximo o recenseamento dos chefes de família para eleição das Juntas de Freguesias, que igualmente será encerrado em igual data.

— Serão afectados 19.000 contos à campanha antituberculosa, durante o corrente ano.

O Concelho de Alcochete comemorou festivamente na passada quinta-feira, 15 do corrente, o 61.º aniversário da sua restauração, com diversas solenizações.

— Partiu há dias para a Índia, a missão das Misericórdias que vai fazer entrega à congénere de Goa, de dois painéis artísticos, alusivos a

(Continua na página 5)

Diálogo acerca de cortiças

(Ao amigo Felismino Rúbio)

Não percebemos nada de cortiças, industrialmente falando. Apenas sabemos que há «quintas», «sextas» e bóias — além de rolhas. Um industrial corticeiro, que muito logicamente tem a obsessão da cortiça e fala dela a toda a hora, ao almoço, ao jantar, no café, no cinema e muito destacadamente no barco da carreira Barreiro-Lisboa, a ponto de despertar nos passageiros ignorantes um movimento rectilíneo de curio-

sidade, dizia-nos há dias que das «primeiras» até às «sextas», passando pelas bóias, se escreve o grande romance da cortiça, com cenário alentejano e transmontano. Você acredite: desde a extracção da capa do sobreiro até à saída da cortiça para o estrangeiro, transformada ou virgem, com ou sem água da chuva ou do pote, há uma aventura homérica, que José Régio ainda não cantou, mas

(Continua na página 5)

LEGENDAS DE PORTUGAL (XIV)

As Berlengas

Ao largo da costa portuguesa, em frente de Peniche, agrupam-se várias ilhas e rochedos, conhecidos pelo nome de «Berlengas».

Trata-se dum conjunto de penedias dispersas numa pequena área do Atlântico, e onde se distinguem a Berlenga-Grande, os Farilhões e as Estelas.

Só a Berlenga-Grande — A Berlenga, como geralmente se conhece — tem acesso e área suficiente para ser habitada.

E muito antiga a sua história. Diz a tradição que já os Fenícios ali tiveram uma feitoria. E, ao longo da nossa vida nacional, representou um papel importante na defesa da costa, contra todos aqueles que frequentemente assaltavam o nosso mar. Ali nos defendemos rijamente, quando das lutas com os Espanhóis, na época da Restauração.

A fortaleza, construída no século XVIII, que se ergue dominadora e grave sobre uma rocha da Berlenga-Grande, evoca-nos os mistérios e a atracção do mar-oceano, tanto quanto a grandeza e a força das épocas passadas...

Por sobre aquelas pedras venerandas vomitaram fogo, tanta vez, as Bombardas de Portugal, a imporem ao inimigo a força do nosso braço, que galhardamente ia rasgando os caminhos da honra e da independência.

No silêncio profundo do mar-largo, apenas quebrado aqui e ali pelo marulho das águas que penetram nas fundas frestas misteriosas da ilha, e pelo grito estranho das gaiotas, a Berlenga é bem o ninho Atlântico de Portugal, a penetrar-nos o sangue e a alma com o cheiro forte do mar e a encher-nos totalmente da ânsia de partir para os rumos eternos que acenam para além, dos horizontes...

(Transcrito com a devida vénia, de «A Campanha», órgão da Campanha Nacional de Educação de Adultos).

IMAGENS DE MONTIJO

Asilo de S. José



Um aspecto da visita feita pel' «A Província» às instalações do Asilo de S. José em que se vêem os membros da sua Direcção, srs. Francisco Vicente Lucas, presidente; Pedro Joaquim Bandedeira, secretário e José Martins Sancho, Tesoureiro.

(Ver a nossa reportagem na 4.ª página)

CAMPANHA DO «MAIS UM»

«A PROVÍNCIA»:

Pretende ser um grande jornal;

Deseja ter a melhor e maior colaboração;

Quer ter mais páginas, mais secções e mais interesse;

Quer ser mais doutrinário, mais informativo, e mais recreativo.

«A Província» pretende modificar a sua estrutura, ser um jornal mais agradável à vista e à sua leitura.

«A Província» quer ser um jornal moderno, aquele que os seus leitores desejam.

Que é necessário fazer?...

Que todos colaborem, um por um, dando uma insignificância!

Que se pede a cada assinante?

Só isto! Que cada assinante arranje outro assinante.

Só mais um assinante! Mais nada!

Mas é preciso que todos colaborem. Todos sabem, que a união faz a força.

Pedimos-lhe a si, caro leitor: *Arranje, pelo menos, só um assinante; pense apenas no seu tributo para um jornal maior.*

Se todos fizerem só isso, teremos um belo e grande jornal, e tudo muito brevemente.

Sim, é preciso que todos ajudem nesta campanha.

A Campanha do MAIS UM.

A todos que colaborem, ser-lhes-á entregue um emblema de «A Província», um artístico emblema do seu jornal.

TEREMOS CONCURSOS E GRANDES SURPRESAS!

Caro assinante: **Arranje só isto: MAIS UM!**

Novas instalações no Asilo de S. José

Com a presença do ilustre Governador Civil do Distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, foram inauguradas, no passado Domingo, 25, as novas dependências do Asilo de S. José, para a admissão de mais 14 asilados.

Eram 16 horas quando S. Ex.^a chegou, sendo aguardado à entrada não só pela Mesa Administrativa do Asilo, srs. Francisco Vicente Lucas, Pedro Joaquim Bandeira e José Martins Sancho, como pelo sr. Presidente da Câmara Municipal e vereadores, Mesa da Santa Casa da Misericórdia, Orfanato, Bombeiros, Casa da Criança, Sindicatos, Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, Banda Democrática, Comissão das Festas de S. Pedro, etc., e ainda velhos e velhas internadas, bem como as restantes pessoas que foram assistir à cerimónia.

Com o acompanhamento

de todas as entidades o sr. Governador, que se fazia acompanhar do sr. comandante distrital da P. S. P., procedeu ao simbólico corte da fita pelo que considerou inaugurado o anexo do velho edifício. Após a visita às novas instalações que receberam palavras de simpatia a S. Ex.^a, foi, numa das dependências oferecido um «Montijo de Honra» a todos os convidados.

Usaram da palavra os srs. Francisco Vicente Lucas e Pedro Joaquim Bandeira, que em nome do Asilo de S. José, agradeceram ao sr. Governador, ao sr. Presidente da Câmara, Direcção Geral de Assistência Imprensa regionalista, e a todos os montijenses em geral, o auxílio que lhes foi prestado para poderem ter levado a bom termo a obra que acabavam de inaugurar.

Para finalizar usou da palavra S. Ex.^a o sr. Governador Civil, que num bri-

lantíssimo improvisado impressionou vivamente a assistência.

S. Ex.^a iniciou o seu discurso para se congratular, por ser Montijo «terra que o tem estrigado com mimos» a primeira onde se apresentava oficialmente após a sua grave doença, e focou o carinho com que sempre é recebido «pelo bom povo desta terra» que tanto quer às suas coisas!

E prendendo sempre os ouvintes, dissertou sobre os problemas que afligem agora a nossa terra mas «convencido está que, com a fé e a boa vontade que caracteriza o povo montijense, «a nuvem que hoje paira sobre Montijo muito em breve se dissipará, para o que envidará todos os esforços, muito embora intelismente não esteja ao seu alcance».

Constantemente interrompido com aplausos, S. Ex.^a continuou manifestando a sua satisfação por ver o quanto Montijo se dedica aos seus assuntos, encontrando sempre gente nova para a renovação dos quadros directivos das suas casas de assistência, e que revela bem o espírito de sacrifício e dedicação dos seus filhos, que sempre procuram o engrandecimento da sua terra e da sua Pátria, que só poderá ser grande com a união de todos.

Terminou brindando pela nossa terra e por Portugal.

As últimas palavras de S. Ex.^a foram abafadas com uma estrondosa e prolongada salva de palmas.

Acabada que foi a cerimónia o sr. Governador Civil, num gesto que bem calou no ânimo dos presentes, despediu-se pessoalmente de todos, sem olhar as classes, retirando-se rodeado da mesma simpatia de que é alvo sempre que visite a nossa terra.

«A Província» que estava representada por um dos seus redactores agradece o convite que lhe foi endereçado e auspicia à Direcção do Asilo de S. José a maior e melhor proficuidade para a sua bemfazeja obra de protecção à velhice.

Contraternização de antigos Escuteiros de Lisboa e Algarve

Realiza-se nos próximos dias 1 e 2, uma reunião escutista dos antigos e actuais escuteiros de todo o Algarve que terá a presença de numerosos antigos escuteiros da capital que com suas famílias, ali se deslocam em visita de amizade, realizando-se em Faro um grandioso almoço de confraternização. Os visitantes, visitam os núcleos de Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.

Num dos próximos números, daremos aos nossos leitores uma reportagem do nosso colaborador Ribeiro Nunes, que fará parte da caravana.

«Cartas à Direcção»

De futuro, «A Província» estará à disposição dos seus leitores, a fim de que estes possam expressar através das colunas do seu jornal os assuntos que careçam de ser tratados ou levados a outras instâncias, e que por deficiências justamente resolúveis, os mesmos assim o mereçam.

Assim informamos os nossos leitores que queiram dirigir-se-nos, o podem fazer por «Cartas à Direcção», à semelhança do que acontece com outros jornais.

Para tal os assuntos devem ser tratados com elevação e honestidade, breves, concí-

sos e apenas com finalidade construtiva.

Não publicaremos as cartas que não obedeçam rigorosamente aos princípios de Justiça e de Humanidade, ou não procurem a reparação de anomalias verificadas de evidente prejuizo individual ou individuais, ou ainda do bem comum; e bem assim, aquelas onde se omita o nome ou a residência do seu autor.

A partir do próximo número poderão os nossos leitores apresentar os vários problemas para serem publicados na nossa nova secção «**CARTAS À DIRECÇÃO**».

Prot. José Manuel Landeiro

Como noticiámos na devida altura, este nosso prezado colaborador tomou parte activa no I Congresso Nacional de Arqueologia, efectuado em Dezembro p. p., em que apresentou a tese: «*Um túmulo funerário lusoromano da Lameira Larga, de Aldeia do Bispo, grande paixão de Leite de Vasconcelos*».

O trabalho tem valor real e, tanto assim, que a Comissão do Congresso o vai publicar, com o que nos congratulamos, o que revela

mais uma vez como são apreciados os estudos de tão ilustre arqueólogo a quem apresentamos sinceras felicitações e, bem assim a sua filha, também nossa colaboradora, a menina Carlota Maria G. Borges Landeiro, aluna da Faculdade de Letras que, como representante dos estudos arqueológicos da Universidade de Lisboa, neste mesmo Congresso, soube desempenhar cabalmente a sua missão.

O próximo Carnaval no Estoril

vai ser um acontecimento de projecção internacional

Em obediência a uma das cláusulas do contrato que celebrou com o Estado para a concessão do direito de exploração do jogo na zona do Estoril, a Sociedade Estoril Sol, à frente da qual se encontra um verdadeiro homem de acção, o conhecido industrial Sr. José Teodoro dos Santos, organizou um grandioso programa para os festejos carnavalescos naquela encantadora estância de turismo, excedendo, de longe, aquilo a que seria obrigada. E fazendo alarde, muito justificado, aliás, da sua iniciativa, a Sociedade Estoril-Sol, galgando as fronteiras, dispõe-se a atrair muitos milhares de estrangeiros, aliciados por uma intensa e bem orientada propaganda.

Importa informar que o Carnaval, este ano, no Estoril, vai ser um caso novo em Portugal, porquanto ali irão algumas celebridades mundiais, especialmente convidadas.

Pondo ao seu serviço a imprensa, a rádio e a tele-

visão, a Sociedade Estoril-Sol tornará conhecidos de muitos milhões de pessoas, em todo o Mundo, não somente a alegria e a grandiosidade dos festejos do Entrudo na Costa do Sol, como — e isto é que nos cumpre realçar — as belezas naturais daquela afamada região.

Mais de 30 carros, 4 bandas de música, 150 cavaleiros, cabeçudos, gigantones, etc., serão motivo de grande entusiasmo para quantos possam ir ao Estoril nos dias, já próximos, do Carnaval.

De Espanha e de França devem vir numerosos visitantes, a que se juntarão, decerto, muitos milhares de portugueses de todos os cantos do País.

Relevante serviço presta a Estoril-Sol ao turismo nacional, com a vultuosa propaganda que está fazendo no estrangeiro. Isto explica, sem dúvida, o interesse que a todos nós deve merecer o seu arrojado empreendimento.

VOLTARAM...

Estamos em plena campanha do gado suíno; começaram as aquisições por parte dos engordadores para a abastecimento das suas malhadas, e dos chacineiros para a sua industrialização e... voltaram novamente os utilíssimos suínos a passear pelas nossas ruas deixando-as em péssimo estado de limpeza, principalmente na mais importante entrada da vila!

Quando se resolve este assunto?

Quando resolverá a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro atender a petição da Câmara Municipal para a instalação dum apeadeiro para o desembarque dos suínos?

Ou continuamos por muito tempo ainda, a ver a Rua José Joaquim Marques com os seus passeios intransitáveis, em virtude das imundícies dos suínos?

Formidável Campanha da afamada FARINHA 33
Válida até 28 de Fevereiro de 1959

Em troca das Caixas vazias desta deliciosa farinha, oferecemos os seguintes **Brindes:**

1 BALDE em plástico por 25 caixas vazias — 1 TOALHA de mesa com 6 guardanapos, por 25 caixas vazias — 1 Garrafa TERMO de 1/2 litro, por 20 caixas vazias — 1 MALA escolar por 20 caixas vazias, e 1 SABONETE com caixa plástica, por 5 caixas vazias

A Farinha 33 vende-se em toda a parte

HILLMAN **Setúbal**
HUMBER
SINGER **Telefone 22673**
SUNBEAM
e Furgonetas COMMER do Grupo ROOTER

José Forte Faria

AGENTE DISTRITAL
RENAULT E DE SOTO
Avenida 22 de Dezembro, 62-64

SANFER, L.^{DA}

SEDE **ARMAZÉNS**
LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º **MONTIJO, Rua da Bela Vista**

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Diálogo acerca de cortiças

(Continuação da primeira página)

que se conta por notas de Banco que às vezes nos entram em casa em catadupas milagrosas. O heróico começa pelo fenómeno da progressão súbita, para acabar no retrocesso — dizia-nos um industrial, novo rico criado pelo período de 1951/56.

Mas nós, voltamos a dizê-lo, não percebemos nada de cortiça. A nossa ignorância, de resto, é olímpica. Os deuses banqueiros, claro. É que às vezes lhes bate à porta cada falência corticeira...; mas não é por mal que isso acontece; a cortiça sempre foi a grande aventura portuguesa. Está agora em crise, porque, na ansia de tudo ganhar, não soube firmar-se nos mercados estrangeiros à custa da qualidade prometida. Da qualidade e do preço, que subiu até ao impossível, despertando no estrangeiro a ideia de a substituir por materiais plásticos. A crise pode ser passageira, se os mercados forem reconquistados com o sacrifício do que se ganhou a mais. Mas poucos podem meter-se nessa cruzada, que já não é aventura. Comará aí talvez a eliminação dos fracos.

Frequentemente conversamos com industriais e exportadores acerca de cortiça. É que no Barreiro existem muitas fábricas e cerca de 2.000 operários de ambos os sexos se alimentam dessa indústria oscilante. Assim se vai aliviando a pouco e pouco a nossa ignorância. Há dias encontramos um exportador atilado e sabedor, a caminho do Algarve, instalado na primeira classe do «rápido», e perguntámos-lhe: Que tal vai o negócio da exportação? Estão agora saindo as classes fracas, disse-nos ele, mas por preço baixo.

A nossa conversa foi prossequindo e a páginas tantas o exportador falou-nos da Junta Nacional da Cortiça, dos deveres que lhe incumbem em todas as emergências, principalmente nas peores, como são as actuais, em face do subconsumo mundial. Veja as perspectivas, disse-nos ele: resolvido o problema político da Argélia, a sua abundante produção de cortiças provocará uma grande baixa de preços, pois o subconsumo reduz a procura e esta há-de saturar-se facilmente pelo excesso da oferta de cortiças argelinas e peninsulares.

Vistas as perspectivas pelo desenho das dificuldades actuais e das que hão-de vir, o exportador desabafou, pondo um dedo na ferida: Que providências adoptou já a Junta Nacional da Cortiça para impedir que, na próxima campanha, a superprodução, frente ao subconsumo, traga ruína em vez de prosperidade?

O exportador referiu-se depois aos lavradores, ou melhor, aos donos dos so-

breirais, dizendo que aí há comércio tão livre, que vale a pena falar da sua incidência na indústria. Enquanto os industriais, disse-nos ele, lutam e se sacrificam tendo ao seu serviço pessoal que só em casos muito justificados podem dispensar, o lavrador, rico por herança e não por prémio do trabalho canceloso, dirige de Lisboa, onde vive faustosamente, a sua fazenda, vendendo a cortiça pelo preço que quer ou não a vendendo, porque lhe oferecem dinheiro que não en-

che a sua arca. Se o produto é de interesse nacional, por que não se obriga o lavrador a vendê-lo ao industrial por preço tabelado?

A conversa fechou aqui. É que o empregado do restaurante do «rápido» anunciou o começo do almoço e para a respectiva carruagem encaminhámos com o exportador, não falando já de cortiças, mas desse vasto Alentejo, que atravessávamos, vendo pela janela os seus grandes olivais e as suas enormes sementeiras...

Um Colaborador

CARNAVAL

(Continuação da primeira página)

Conservemos apenas religiosamente as tradições que os séculos sancionaram e os nossos nos transmitiram desde tempos imemoriais.

E assim satisfaremos os ditames que elas nos deixaram, e sentiremos a benéfica influência da animação de que ele se reveste, que é como fonte de boa disposição, donde brota por entre o íris carnavalesco a pureza ou exagero dos costumes e gracejos.

Como católicos, pois que nos presamos de o ser, não nos é lícito ficarmos cegos aos abusos que se possam cometer e que deles possa depender a morte desta tradição, e assim contribuiremos para que o Entrudo tão velhinho não deixe de existir, e nós sintamos o desgosto do que passa e não volta e ao mesmo tempo a mágoa do que passa e existe sempre.

Nada pode contribuir tanto para o progresso como a moderação frequente, por isso é dever de todos nós contribuir na maneira do possível para que aqueles que vão pelo caminho defeso, vergados ao peso das más intenções não esqueçam que há olhos que não querem ver e ouvidos que se fecham aos gracejos pesados e proibidos...

A elevação da Educação tem de enfrentar opiniões suscitadas e divulgadas dentro dos seus limites e tem que chegar a atingir o que diz respeito à condição e ao estado da perfeição moral.

É fora de dúvida que de harmonia com as prescrições do direito pessoal, não se deve exceder as normas permitidas e usuais, e ninguém está isento de obedecer e corresponder à vontade e determinação do «Dever».

Inspiram-nos confiança muitas coisas que temos visto sobre a Educação e que já se manifestam na prática da vida; mas ainda lhe falta um progresso paralelo ao menos na esfera do entendimento e da vontade. Ao fervor dum deve corresponder o fervor do outro.

Um Colaborador

PROBLEMAS DA

Imprensa Regional

(Continuação da 1.ª página)

nossa capital, bem como visitaram as oficinas de alguns jornais diários.

Ao mesmo tempo, teve lugar num dos salões do S. N. I. uma exposição em que figuravam os jornais de todas as Províncias ali representadas.

Mais tarde será também convidada para uma reunião semelhante, a Imprensa Regional do Norte.

Corresponde, pois, esta iniciativa do Secretariado Nacional da Informação, a um acto de justiça pelo reconhecimento do mérito do jornalismo local, que não raro dá lições de equilíbrio, de sensatez e de objectividade nas suas sugestões ou críticas.

A maneira como a iniciativa foi acolhida pela Imprensa de todo o País é a prova evidente do interesse que representa para este

sector a informação, a meritória intenção do Secretariado Nacional da Informação, da qual se esperam os mais úteis resultados.

«A Província», como órgão de imprensa mórmente adstrito à região de Montijo e concelhos limítrofes, que desde a primeira hora deu a sua adesão a esse louvável empreendimento, confia jubilosamente no esclarecido critério do Secretário Nacional da Informação, sr. Dr. César Moreira Baptista, e augura os melhores êxitos para a solução dos problemas que sejam apresentados nessas reuniões.

Esperamos, portanto, pronunciar-nos muito em breve quanto à marcha dos trabalhos realizados ultimamente na primeira reunião da Imprensa Regional do Sul do País, ontem concluída.

Impressões sobre livros

(Continuação da página 8)

tanta tumultuosidade faz passar à Humanidade.

Não se percebe outra coisa ao longo das páginas de *O Degelo*, diga-se em abono da verdade. Porquanto, a descrição da vida, o desenho dos caracteres e o esboço formulado do tema, são duma realidade flagrante. Daí a nossa simpatia pelo livro, que a merece, pois revelamos a luta surda entre o cérebro e o coração. E o inconformismo entre a acção e o pensamento. E por fim a vitória indiscutível do amor sobre todas as lutas e inconformismos. Ressaltando, portanto, a certeza, de que duas almas têm que viver unidas numa comunhão sincera de

afectos e procedimentos para tranquilidade existencial.

Ilya Ehrenburg trouxe também para *O Degelo*, numa lembrança rápida a mentalidade ocidental e oriental, diferentes no pensamento e na acção, e o problema da dedicação humana. Precisamente, este, problema foi que prendeu mais o autor e que melhor estruturado está nas consequências e conclusões. Por seu intermédio ficámos a saber que, por maior dedicação que haja a um trabalho ou a um ideal, nunca poderemos viver completamente felizes sem o coração estar satisfeito e o espírito compreendido.

Josquin A. de Figueiredo

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 21 Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província» Domingo, 8 - 2 - 59

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Leixões	Chaves	Atlético	Arroios
Oliveirense	Tirsense	Farense	Sacavenense
Boavista	Peniche	Oriental	Almada
Gil Vicente	Marinhense	Coruchense	Beja
Vianense	Portalegre	Serpa	Montijo
Espinho	Salgueiros	Juventude	Estoril
Vila Real	Sanjoanense	Portimonen.	Olhanense

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Covilhã Braga

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 21

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo, 8

Notícias diversas

(Continuação da 1.ª página)

estas instituições de caridade, os quais assinalam mais um acto comemorativo do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor.

DO ESTRANGEIRO

— Foi decretada em França a escolaridade obrigatória até aos 16 anos.

— Os preços dos jornais diários franceses, peruanos e brasileiros foram aumentados.

— As temperaturas registadas na Suécia oscilaram ultimamente, entre os 20 e os 32 graus negativos.

— O programa governamental da França teve um expressivo voto de confiança por parte da respectiva Assembleia Nacional.

BREVE APONTAMENTO SOBRE PINTURA

(Continuação da página 8)

A frase não é minha nem a apoio, sou demasiado condescendente e tolerante para derrotista.

Simplesmente ainda não consegui compreender, por várias voltas que desse nos Salões que expõem determinados quadros, e sem compreender não posso gostar. E deve ser difícil compreender o inexplicável.

Mário Martins

DESPORTOS

Quadro Desportivo

Futebol

Resultados:

Nacional da 2.ª Divisão

Portimonense, 1 - Montijo, 0

Distrital de Juniores

1.ª Divisão

Salxal, 0 - Montijo, 4

Classificação actual:

1.º — MONTIJO	25 P.
2.º — Cuf	23 »
3.º — Seixal	22 »
4.º — Barreirense	22 »
5.º — Vitória	20 »
6.º — Luso	18 »
7.º — Sesimbra	14 »
8.º — Amora	9 »

Jogos a realizar em

1 - 2 - 1959

Nacional da 2.ª Divisão

Montijo - Juventude

Distrital de Juniores

(1.ª Divisão)

Montijo - Sesimbra

BASQUETEBOLE

Nacional da 1.ª Divisão

(em 31-1-59)

Luso - Montijo

(em 3-2-59)

Montijo - Benfica

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Portimonense, 1 - Montijo, 0

Falta de energia e de combatividade na base da derrota...

Crónica de ARTUR LUCAS

Sob a arbitragem do sr. Lourenço Simões, de Évora, as equipas alinharam:

PORTIMONENSE: — Daniel; Luz e Rebelo; Arquimínio, Coelho e André Coelho; Camarinha, Jorge, Romão, J. António e Alexandrino.

MONTIJO: — REDOL; MORA E BARRIGANA; SERRALHA, PINTO E ANDRÉ; BARRIGA, ROMEU, VEREDAS, GARROA E JOSÉ PAULO.

Pelo que se passou durante o primeiro tempo, nada faria prever o resultado final.

A turma montijense, que começou o encontro com um vento fortíssimo pela frente, adoptou o sistema de 3:4:3, e, mercê dessa formação conseguiu opôr-se com êxito à pressão que os seus adversários exerceram, respondendo ainda com contra-ataques que causaram certo perigo na defesa barlaventina, chegando-se entretanto ao intervalo com o resultado em branco.

Nesta altura era opinião geral, que os visitantes no segundo tempo como seria lógico, chamariam a si o comando do jogo, e construiriam a vitória que lhes convinha para manter intactas as suas aspirações.

Tal não sucedeu porém; no recomeço do encontro os jogadores montijenses, mormente o compartimento avançado, alhearam-se completamente da luta, podendo até dizer-se que cruzaram os

braços, actuando sem o mais ligeiro assomo de energia, sem combatividade, sem espírito de luta como se o encontro não tivesse a mínima importância.

É desolador termos que assistir a tão mau exemplo de amor Clubista, mas o que não há a menor dúvida, é que os factos falam por si, e dizemos o que a nossa consciência nos manda, perante o que assistimos e esperamos não voltar a assistir.

Continuamos perante um facto que quase cria raízes: os avançados do MONTIJO há, salvo erro, cinco jogos que não fazem golos. Até quando nos será dado assistir a esse facto?

Quando aos 40 minutos do segundo tempo J. António marcou o golo que ditaria a vitória da sua equipa, os visitantes sofreram como que uma punhalada no seu brio, demonstrando nesse espaço ínfimo de tempo que se tivessem querido, — é o termo certo, — poderiam ter ganho o encontro, porquanto daí até final nunca mais se viu o Portimonense.

Depois do que acima escrevemos, chegamos a esta conclusão: para se ganhar jogos é preciso que cada jogador se compenetre da responsabilidade que tem, quando veste uma camisola e bem assim lutar com brio, com vontade, com espírito de luta e de equipa, pois deve lembrar-se dos companheiros, para que eleve cada vez mais o nome da colectividade que o honrou, em elegê-lo seu representante no desporto.

No entanto justo se torna salientar, a acção de VEREDAS que embora jogando em posição recuada, applicou-se com sacrificio e vontade, seguindo-se-lhe em mérito, ANDRÉ, SERRALHA, MORA, PINTO E REDOL.

O Portimonense, sem grandes alardes, applicou-se com muito entusiasmo e empenho, fazendo jus a um triunfo que lhes assenta com toda a justiça. Salientamos na sua turma, o bom trabalho de Romão, Coelho, Arquimínio e J. António.

Boa arbitragem e excelente correcção dentro e fora do rectângulo.

Visado pela Censura

Basquetebol

O Montijo na 1.ª Divisão

Após porfiados esforços, a equipa de basquetebol do Clube Desportivo de Montijo, vai finalmente disputar o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, englobado na forte Zona Sul, e coube-lhe descansar na primeira jornada.

Resultado do sorteio

1.ª Jornada: — Barreirense - Sporting; Belenenses - Benfica; Nacional - Luso. 2.ª Jornada: — Sporting - Belenenses; Benfica - Nacional; Luso - Montijo. 3.ª Jornada: — Nacional - Sporting; Belenenses - Barreirense; Montijo - Benfica. 4.ª Jornada: — Sporting - Montijo; Barreirense - Nacional; Benfica - Luso. 5.ª Jornada: — Luso - Sporting; Montijo - Barreirense; Nacional - Belenenses. 6.ª Jornada: — Sporting - Benfica; Luso - Nacional; Montijo - Belenenses. 7.ª Jornada: — Benfica - Barreirense; Luso - Belenenses; Montijo - Nacional.

O Montijo estreia-se agora na 1.ª Divisão, deslocando-se no próximo sábado ao Barreiro, onde vai defrontar a equipa do Luso.

José Rosa

Campeonato Regional de Setúbal

Classificação Final

1.º — BARREIRENSE	48 P.
2.º — MONTIJO	42 »
3.º — LUSO	40 »
4.º — C. U. F.	34 »
5.º — VITÓRIA	30 »
6.º — MUNDET	27 »
7.º — SEIXAL	23 »
8.º — ALMADA	21 »
9.º — NAVAL	16 »

Campeonato Nacional do Galgo de Caça

«O POTE»

Por iniciativa da Comissão Organizadora de «O Pote», Soc. Hípica Lebreira do Ribatejo, Soc. Lebreira da Lezíria, Soc. Hípica Lebreira de Elvas, Soc. Lebreira do Lusitano Ginásio Clube, Soc. Hípica Lebreira de Coruche e Soc. Hípica Lebreira de Estremoz, com o patrocínio da Secção de Canicultura do Clube dos Caçadores Portugueses, realizam-se em Elvas as provas finais deste Campeonato, nos dias 1 e 8 do mês de Fevereiro próximo.

As provas efectuem-se numa herdade daquele concelho e todas as pessoas interessadas poderão dirigir-se ao novo Posto do Mobilil, junto à Praça de Toiros daquela cidade, onde se encontrará pessoa especialmente encarregada de lhes prestar todos os esclarecimentos e indicar o caminho para

o local onde se efectuarão as referidas provas.

Para este Campeonato que promete ser rijamente disputado, já se encontram inscritos numerosos concorrentes.

A Sociedade Hípica Lebreira de Elvas, participante da Organização, — agradecemos a gentileza do convite para a nossa presença a essas provas e ao almoço final no domingo, dia 8 do próximo mês.

Este Vale

de Lágrimas...

Já depois de paginado este número de «A Província», recebemos a habitual e apreciada crónica sob este título, cujo autor é o nosso estimado colaborador e amigo, sr. Romeyra Alves.

Por afazeres da sua vida profissional, estivemos privados do prazer da sua assiduidade, retomando porém na próxima semana a sua fluente colaboração.

Calendário

Recebemos do Comando Geral da Legião Portuguesa, pelos seus Serviços de Defesa Civil do Território, um vistoso e elucidativo Calendário das suas finalidades, o qual muito agradecemos.

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

GRANDE CONCURSO de Prognósticos de Futebol

Resultado do cupão N.º 19, de 25-1-59

Cupões entrados: 118

VENCEDOR NO 1.º PRÉMIO; de 500\$00; *Mário Verissimo Salgueiro*, Pastelaria Mimosa, desta vila, que acertou em todos os resultados (15), cujo prémio receberá nesta redacção, por compras a efectuar em estabelecimento à sua escolha, mediante factura respectiva.

VENCEDORES NO 2.º PRÉMIO, de 100\$00: Alexandre M. Basílio Pires, António José Vitorino, Arlindo José d'Oliveira, D. Emília Rosa de Jesus, Firmino Rodrigues Gonçalves, Francisco Dias Beatriz, João Fernando da Costa Paulada, José Paulo Futre, Manuel Gonçalves da Silva, Mário Nogueira Gonçalves, Nuno Morgado Lopes e Victor de Brito Pontes, todos de MONTIJO; José Ferreira de Pinho, Casa de Saúde Guedes, *Cabeço de Montachique*; e Mário Ferreira Prado, de Odemira, que partilharão do referido prémio, por compras de mercadorias à sua escolha.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Dos 118 cupões entrados, não se fizeram marcações de pontos aos concorrentes, por não ter sido favorável ao nosso Clube, o jogo Portimonense-Montijo.

N.º 5

Página CULTURAL

29-1-959

NUMA das cartas sobre a História de Portugal, Herculano diz que um dos principais defeitos dos trabalhos históricos do nosso país lhe parece ser a «insulação» de cada um dos aspectos sociais de qualquer época, e que nunca se conhecerá, nem entenderá, enquanto a sociedade se não estudar em todas as suas formas de existir, enfim enquanto se não contemplar em todos os seus caracteres.

em tese geral resumir e representar a sociedade nos indivíduos, tal absurdo se torna mais monstruoso, quando os tomamos como medida das fases da sociedade. Assim ignora-se o que era a sociedade primitiva, e acontece muitas vezes compor dela uma fábula com as reminiscências da nossa vida, com as tradições dos nossos pais ou com as anedotas que estes ouviram aos seus.

O conceito de história em Alexandre Herculano

Quando olhamos para os tempos remotos da nossa história a primeira pergunta que nos ocorreu é: onde, quando e como nasceu este indivíduo moral chamado a Nação?

A História pode comparar-se a uma coluna polígona de mármore. Quem quiser examiná-la deve andar ao redor dela, contemplá-la em todas as suas faces.

O que entre nós se tem feito, com honrosas excepções, é olhar para um dos lados, contar-lhes os veios da pedra, medir-lhe a altura por palmos, polegadas e linhas. Este exame miúdo feito com consciência, tem grande aplicação, e ainda em si, é importante, mas dar-se isso como História da Nação é, salvo erro enganar redondamente o género humano, é não perceber os fins da história, a sua aplicação como ciência.

Segundo Herculano o grande erro do estudo da história é estudar um determinado homem como mera abstracção, separá-lo do seu século. Além de ser absurdo

Se buscarmos a história da sociedade, vemos que, a história dos costumes, das instituições, das ideias é que há-de caracterizar os indivíduos ainda quando quizermos estudar exclusivamente a vida destes, em vez de estudar a vida do grande indivíduo moral, chamado povo ou nação.

Por
Ana Rita

O escritor apresenta-nos em várias das suas cartas alguns exemplos, em que nos mostra quão mesquinho e incompleto era o sistema seguido nos nossos estudos históricos, pois apenas nos levou a transfigurar o passado e apenas nos transmitiu uma fase da História. Herculano afirma várias vezes que a história não é um passatempo vão, e que como toda a ciência humana deve ter uma fase final objectiva.

Dedica-se com especial carinho à Idade-Média, período que ele considera de

Breve apontamento sobre Pintura

É apenas como espectador, como simples visitante das Exposições, que dou a minha opinião acerca de Pintura.

Lembrei-me disto após ter visitado o Salão de Arte Moderna até há pouco patente na Sociedade Nacional de

Belas Artes. Tratava-se quase exclusivamente de arte abstracta, e como podem calcular, não conseguiu atingir na maior parte dos quadros, o fim que o autor deve ter tido em vista enquanto pintava.

Quero dizer, o artista pintor pretende ao fazer um quadro, suponho eu, demonstrar o seu talento através das

século XIV ou XV, nem os animais de Velasquez, serão, apesar de extraordinários, iguais aos que hoje se pintam.

Essa evolução é admissível por lenta e natural, acompanhando a própria evolução da Natureza.

Agora um pulo tão grande entre os clássicos românticos e a actual arte moderna e abstracionista, é demasiado e incompreensível mesmo para o espírito da época. Talvez por volta do ano 2.000 possamos depois de mecanizados, e habituados a ver tanta técnica sobrepor-se ao verdadeiramente belo e espiritual, admirar os riscos e os borrões de certos pintores (sem facciosismo, é assim que os vejo).

Os modernos apodam a arte antiga que nos foi legada por um Da Vinci, um Rafael, um Rembrandt, de puramente fotográfica.

Não sei porquê, a pintura existia muito antes da fotografia, e esta nunca a substituirá.

Li algures que essa revolução abstracta só servia para explicar a falta de talento.

(Continua na página 5)

Por
Mário Martins

imagens que desenha na tela, mais ou menos expressivas, na intenção de se fazer compreender pelo público.

O talento pode demonstrar-se nas várias facetas que tornam admiráveis muitas telas, na cor, na expressão, no fundo, na posição do modelo, enfim naquele todo que nos prende fascinados perante um quadro de Malhoa, por exemplo, dos tantos celeberrimos e conhecidos que o Mestre deixou.

A arte evoluiu é certo, e a prova é que hoje ninguém pinta rostos de mulher idênticos aos dos pintores do

Impressões sobre Livros

(A) intelectual e culta revista «Vértice»

não acreditar nas nossas fracas palavras, pedimos a gentileza de apreciar o conteúdo do número seis da colecção «Sucessos Literários», ou seja: *O Degelo*,

Por
Joaquim A. do Figueiredo

de Ilya Ehrenburg, e depois de dar a sua opinião.

Que, por mais arrevesada que seja e por mais exigente que seja também o leitor,

não pode negar a evidência e a contemporaneidade do problema implícito nesse conteúdo. Está à vista dos olhos. E porquê? Porque além de focar a vida nacional russa, tem um fundo comum, mais simplesmente: encerra uma lição de solidariedade humana.

Profundo analista da alma humana, particularmente, da alma do povo russo, Ilya Ehrenburg, é um grande escritor e um representante mais da actual geração que

(Continua na página 5)

Pescadores

Saem para o mar cheios de ilusões
Com esperança numa pesca fornecida;
Que lhes traga por momentos melhor vida,
Que esta vivida só em privações.

Na praia batem forte os corações
No momento doloroso da partida;
E, logo, terminada a despedida
Em cada altar semeiam-se orações.

Depois, ... longe, ... sós, entre mar e céu
Buscando a sorte, intransponível véu,
Lançam as redes no profundo mar.

E, ansiosos esperam que a ventura
Seja com eles, lhes traga fartura,
E haja alegria ao voltar ao lar!...

Joaquim Carreira Tapadinhas

**YOGHURT
BOM DIA**

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmelrim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775028

Se bem que estes representem os quatro cantos do Mundo e não descansam de chamar, pela palavra, a atenção para o problema social e para as chamadas relações humanas, não pertencem à velha geração mas sim à nova.

Por isso é de saudar a iniciativa e de aguardar com crescente interesse a inclusão de mais obras na mencionada colecção. Porque muito embora não sejam obras volumosas, são obras dignificantes e do melhor que vai aparecendo actualmente na originalidade. Daí o título em que estão enquadradas as obras que pesam em subjectividade e valor.

Pela actividade desenvolvida na apresentação de fenómenos literários e pelo critério que vibra nos homens da Ulisseia para com os seus leitores, podemos dar-nos por satisfeitos e confiantes na leitura de semelhantes monumentos artísticos.

Não é exagero nem mistificação, mas apenas a verdade. Tanto que, para q em